

Possíveis indícios da dupla pertença religiosa dos escravos africanos na obra de Jean-Baptiste Debret

Camila Dazzi, CEFET/RJ

O texto traz a análise de três litografias e os textos que as acompanham do álbum ilustrado *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Jean-Baptiste Debret, publicado em Paris nos anos de 1830, buscando por indícios de dupla pertença religiosa no cotidiano dos escravos no Brasil do início do século XIX. As litografias analisadas são: Negras novas a caminho da Igreja para o batismo, Enterro de uma mulher negra e Cortejo fúnebre do filho de um rei negro.

Palavras-chave: Debret. Dupla pertença religiosa. Religiões afro-brasileiras.

*

The article brings the analysis of three lithographs and this accompanying texts of Jean-Baptiste Debret's Illustrated album *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, published in Paris in the 1830s, searching for signs of double religious belonging in daily life of slaves in Brazil in the early nineteenth century. The lithographs analyzed are: New negresses on the way to the Church for baptism, Burial of a black woman and Funeral procession of the son of a black king.

Keywords: Debret. Double religious belonging. Afro-Brazilian religions.

Para o estudioso Michael Amaladoss, conhecido por uma vasta produção no campo dos diálogos inter-religiosos, a dupla pertença não é uma “abordagem superficial”, na qual a pessoa circula entre religiões, apanhando princípios e métodos que julga útil para seus próprios objetivos”, nem se trataria de reivindicar “o uso dos símbolos de diferentes tradições religiosas, passando livremente de uma a outra, o que seria sincretismo”. A dupla pertença é a lealdade a duas tradições religiosas, que, sob muitos aspectos, podem ser conflituosas no campo teológico.¹

A discussão sobre dupla pertença religiosa requer abertura, pesquisa e reflexão. E, no contexto Brasileiro, deve-se considerar a pluralidade de religiões que o território nacional apresenta, como o catolicismo e as religiões africanas, bem como as “ramificações” que surgiram a partir dessas matrizes e forjaram novas formas de viver o sagrado em diferentes contextos.

Seguramente, em nosso texto, estamos muito longe de explorar com a profundidade devida o contexto religioso do início do século XIX, recorte temporal escolhido para o presente estudo, e estamos cientes que as generalizações podem camuflar o entendimento de processos complexos. Compreender tais processos, sobretudo no que tange as religiões de matriz africana, é um desafio, mesmo para os estudiosos da religião. Segundo John Thornton, mais de uma dúzia de culturas independentes foram trazidas para a América durante a diáspora africana². Some-se a isso a adoção do catolicismo como religião por parte dos africanos de diferentes etnias, após as suas chegadas ao Brasil. As religiões africanas aqui sofreram adaptações e mudanças. Nem todos os orixás, voduns e inquices atravessaram o oceano. Outros foram cultuados de início, mas desapareceram. Alguns se tornaram aqui mais importantes do que em suas terras de origem. Outros perderam a proeminência que tinham originariamente. Não existiu, portanto, uma cultura e uma religiosidade africana homogênea ao longo do período escravocrata, e nem após.

Em meio a toda essa complexidade, o conceito de dupla pertença, quando aplicado à adoção simultânea de religiões africanas ou afro-brasileiras e o catolicismo, questiona uma das percepções mais comuns acerca do processo de inserção do negro na sociedade católica do Brasil escravocrata, que seja, a de que os escravos eram essencialmente “seres subservientes”. Tal compreensão errônea serve como base para a afirmação de que os negros eram obrigados a cultuar os seus deuses escondidos dos seus senhores. Trata-se da concepção mais comum do sincretismo religioso, segundo a qual os escravos sincretizaram os orixás africanos com os santos católicos; assim, quando rezavam a São Jorge, ou a Santa Barbara, estavam, em verdade, expressando a sua devoção a Oxossi³ e Iansã. Esses negros, portanto, ou teriam se rendido à fé católica ou sido obrigados a aceitá-la.

Trata-se de uma percepção que surge ainda no século XIX, e que, no senso comum, perdura até os dias atuais. É o que defendeu Manoel Querino no ensaio “A raça africana e seus

¹ AMALADOSS, Michael. Double Religious Belonging and Liminality. An Anthro-Theological Reflection. Vidyajyoti (Journal of Theological Reflection), January 2002.

² THORNTON, John K.. A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800). Rio de Janeiro: Editora Campus / Elsevier, 2004. p.320.

³ Oxóssi que, no Rio, é associado a São Sebastião, na Bahia é relacionado a São Jorge.

costumes na Bahia”, datado de 1916, ao afirmar: o “africano já trazia a seita religiosa de sua terra; aqui era obrigado, por lei, a adotar a religião católica. Habitado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças”.⁴

Estudos mais recentes, no entanto, como os do pesquisador das religiões de matriz africana Rogerio Cappelli, defendem que nem os escravos se renderam à fé católica, nem foram eles obrigados a aceitá-la, dois processos pautados em uma visão negativa sobre o poder de imposição do negro na sociedade.⁵

Como coloca Sheila Faria em tese de sua autoria, “pensar que o catolicismo foi uma espécie de rolo compressor sobre as crenças africanas é, no limite, considerar os [negros] como presas inertes” de força externa e determinante, seria negar a “sua condição de agentes culturais capazes de desempenhar, em larga medida, um papel ativo fundamental de sua própria história e identidades culturais no interior de um sistema normativo que lhes oprimia; dominação política e cultural não são necessariamente sinônimo de aniquilação do outro”.⁶

Segundo o Cappelli, as religiões de matriz africana têm como base a ideia de que os deuses dos outros povos podem interceder favoravelmente, não havendo qualquer problema em cultuá-los. No período escravocrata, na vivência de situações difíceis como a do cativo, poder contar com os deuses africanos e com o Deus católico e seus santos, trazia muito mais conforto do que utilizar as entidades católicas sincretizadas, ou seja, como uma só entidade (Ogun = São Jorge). Segundo o conceito de dupla pertença, existiu a devoção aos orixás, e existiu a devoção aos santos católicos, e eles não eram a mesma entidade, eram entendidos de maneiras diferentes, responsáveis por atender a diferentes demandas.⁷

Pautados nessa percepção sobre a dupla pertença, interpretamos três gravuras e os textos que as acompanham do álbum ilustrado *Voyage pittoresque et historique au Brésil...*⁸, de Jean Baptiste Debret, publicado em Paris nos anos de 1830, buscando por indícios de dupla pertença religiosa no cotidiano dos escravos do início do século XIX. Cabe aqui ressaltar que as obras analisadas não são percebidas como registros fidedignos do real, mas sim como momentos quase seguramente presenciados pelo pintor e por ele interpretados. Ou seja, as imagens são aqui compreendidas como sintomáticas e ao mesmo tempo distintas do real. As litografias do *Voyage pittoresque et historique au Brésil...* tratadas em nosso texto são: *Negras novas a caminho da Igreja para o batismo*, *Enterro de uma mulher negra* e *Cortejo fúnebre do filho de um rei negro*.

Catequese e irmandades

⁴ SANKOFA, Christianne. O Uso de Fotografias de Africanos no Estudo Etnográfico de Manuel Querino. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana- Documentação, Nº 4 dez, 2009.p. 88-111.

⁵ CAPPELLI, Rogério. Saindo da Rota: Uma discussão sobre a pureza na religiosidade afro-brasileira. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2007. (Dissertação de Mestrado)

⁶ FARIA, Sheila Siqueira de Castro. Sinhás pretas, damas mercadoras: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700-1850). Niterói: UFF, 2004, p. 98 APUD SOARES, Márcio de Sousa. A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na Corte imperial. Niterói, UFF, 1999. (Dissertação de Mestrado)

⁷ CAPPELLI, Rogério. Religiões de Matriz Africana. Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro/Niterói: Ed. Alternativa/EdUFF, n.12, 2010. (DVD).

⁸ DEBRET, Jean Baptiste. Voyage pittoresque et historique au Brésil [...] Paris: Firmin Didot Frères, 1839. 3 v., v. 3.

Não é infrequente nos textos sobre o relacionamento entre a Igreja Católica e as religiões africanas, os autores ressaltarem a ineficácia, ou mesmo a inexistência, de um processo de catequese voltado aos africanos, fator responsável pelos escravos não terem aberto mão de suas crenças originais. Uma das vias apontadas pela historiografia sobre o relacionamento entre a Igreja Católica e as religiões africanas, é a ineficácia, ou mesmo a inexistência, de um processo de catequese voltado aos africanos.

Segundo José Beozzo "não houve na colônia portuguesa, [para os escravos vindos da África] nada semelhante ao esforço dos jesuítas na catequese do índio". Segundo o autor, a Igreja basicamente confiou "a catequese do negro aos seus senhores".⁹

Tal afirmação tem como base documentos como as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, que em vários trechos enfatizam a necessidade de se ensinar a fé católica aos escravizados, sendo esta uma incumbência dos seus donos. O Título II do Livro I determinava que todas as pessoas deviam ensinar ou fazer ensinar a doutrina para "[...] seus escravos, que são os mais necessitados desta instrução pela sua rudeza, mandando-os à Igreja para que o pároco lhes ensine os artigos da fé [...]".¹⁰

O papel da Igreja, e portanto dos párocos, era levar a doutrina cristã e garantir a salvação de um maior número de almas possível. Para tanto, converter africanos escravizados "era papel *sine qua non* da Igreja no período da colonização".¹¹

Essa catequese desinteressada dará origem à expressão "ilusão da catequese", cunhada pelo médico e estudioso Raimundo Nina Rodrigues, no artigo "Ilusões da Catechese no Brasil", de 1897¹². No escrito, Nina Rodrigues relatou algumas situações ocorridas na Bahia, onde rituais de religiões africanas eram feitos com o uso de elementos ligados ao catolicismo, e como tais práticas eram percebidas pelos católicos como manifestações católicas, bem como de um sinal da conversão dos afrodescendentes. Independente de se compartilhar da opinião de Nina Rodrigues ou não, a sua expressão "ilusão da catequese" é "paradigmática para indicar uma posição da Igreja Católica frente às religiões afro-brasileiras": a de que suas práticas religiosas são "dependentes" da prática católica e que, mesmo que estas possam ter alguma peculiaridade, decorrem de uma catequese, talvez até não bem sucedida. Esta eficácia catequética poderia ser vista sobretudo na devoção dos negros aos santos da tradição católica.¹³

No entanto, para ter ocorrido o processo de dupla pertença, o acesso aos conhecimentos ligados ao catolicismo ocorreu. Se não foi ação eficiente da Igreja, e nem foi

⁹ BEOZZO, José. A família escrava e imigrante na transição do trabalho escravo para o livre. A Igreja Católica ante os dois tipos de família. MARCILIO M. L. Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil. SP: Loyola, 1993. p. 29-99.

¹⁰ VIDE, Dom Sebastião Monteiro da. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. São Paulo: Edusp, 2010.p.126.

¹¹ MOREIRA, Uerisleda. Africanos em Caravelas, Bahia: estratégias de batismo e compadrio (1821-1823). África(s) - Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África, v. 2, n. 4, 2015.p. 4

¹² RODRIGUES, Raimundo Nina. Ilusões da Catequese no Brasil. O animismo fetichista dos negros baianos. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ. 2006.

¹³ BERKENBROCK, Volney José. A relação da igreja católica com as religiões afro-brasileiras anotações sobre uma dinâmica. Religare 9 (1), 17- 34, mar, 2012.p.20.

consistentemente realizado pelos senhores, acreditamos que as Irmandades tenham sido a via mais eficaz de adoção da fé católica pelos negros escravizados. De fato, as irmandades de africanos tiveram um papel fundamental no processo de dupla pertença. Permitidas pela igreja católica, e pensadas por essa como uma estratégia catequética e de controle social, as irmandades acabaram por representar um espaço de solidariedade étnica que se tornou, posteriormente, o berço do candomblé.

A população escrava aprendeu a se mover no interior da sociedade escravista, determinada por regras e limites, de modo a criar alternativas de convivência ou mesmo de contestação, e as irmandades se configuraram como a primeira e “principal forma institucionalizada de organização dos negros africanos e de seus descendentes escravos, forros e livres”.¹⁴ As irmandades católicas, portanto, tiveram papel de grande importância na resistência das tradições africanas.¹⁵ Sob o viés da dupla pertença, o que ocorreu foi que os negros, uma vez na Irmandade, se voltavam ao culto a Jesus e a Nossa senhora, e quando praticando as religiões de origem africana, mantinham a sua ancestralidade e culto, seja dos orixás, inquices, voduns e ancestrais. Cada religião com seus rituais e templos específico, que não se misturavam, mas que *coexistiam*.¹⁶

Negras novas a caminho da igreja para o batismo

Falho ou não o processo de catequização dos negros escravizados, o fato é que havia uma real preocupação da Igreja Católica em convertê-los. A necessidade de ensinar a doutrina cristã aos escravizados era cobrada: os que se negassem ou se omitissem a pregar e a multiplicar os adeptos da doutrina cristã, prestariam “contas posteriormente a Deus, podendo inclusive perder a própria salvação, ou mesmo incorporando aos seus, os pecados daqueles a que negou a instrução na fé”.¹⁷ Nesse sentido, *Negras novas a caminho da igreja para o batismo* reflete o rito inicial de pertencimento ao catolicismo.

Elementos que causam estranhamento na litografia são a indumentária e os adereços utilizados pelas duas “negras novas”, que vinculamos muito mais às religiões de matriz africana do que ao universo católico. No entanto, não era necessário, para ser batizado, o abandono da cultura e mesmo da religião original, tendo em vista que o acesso dos escravos ao batismo era bastante facilitado e ocorria, em grande parte, assim que chegavam ao Brasil. Era necessário, para batizar escravos adultos, somente que estes tivessem sido inicialmente instruídos na fé, e aprendido ao menos a oração do credo. As perguntas que atestavam o conhecimento do escravo poderiam ser feitas e respondidas tanto em português como “com o uso de intérpretes para aqueles que eram considerados

¹⁴ SOARES, Mariza de Carvalho. O Império de Santo Elesbão na cidade do Rio de Janeiro, no século XVIII. **Topoi**, mar. 2002. p. 59-83.

¹⁵ Pierre Verger reforça o laço entre Irmandades e religiosidades africanas, ao comentar o surgimento do primeiro terreiro de candomblé em Salvador, na década de 1820. Antigas escravas libertas, originárias de Kêto, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado a iniciativa de criar um terreiro de candomblé chamado Iyá Omi Àse Aira Intilè. SILVEIRA, Renato. O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto. Salvador: Edições Maianga, 2006.

¹⁶ SANTANA, Analia. A Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho: memória e identidade afro católica na Bahia. Africanias.com, UNEB, Ed. 1, 2011.

¹⁷ MOREIRA, Uerisleda. Laços afetivos e familiares: relações parentais legitimadas nos ritos católicos em Caravelas-BA entre 1840 e 1860. Santo Antônio de Jesus: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia, 2014. (Dissertação de Mestrado).p.60.

boçais”.¹⁸ O nível de facilitação ao batismo era tal que a igreja permitia a imposição do sacramento, ou seja, sem o consentimento do batizado, caso o escravo fossem “tão boçal que [constasse] não ter entendimento, nem uso da razão”.¹⁹

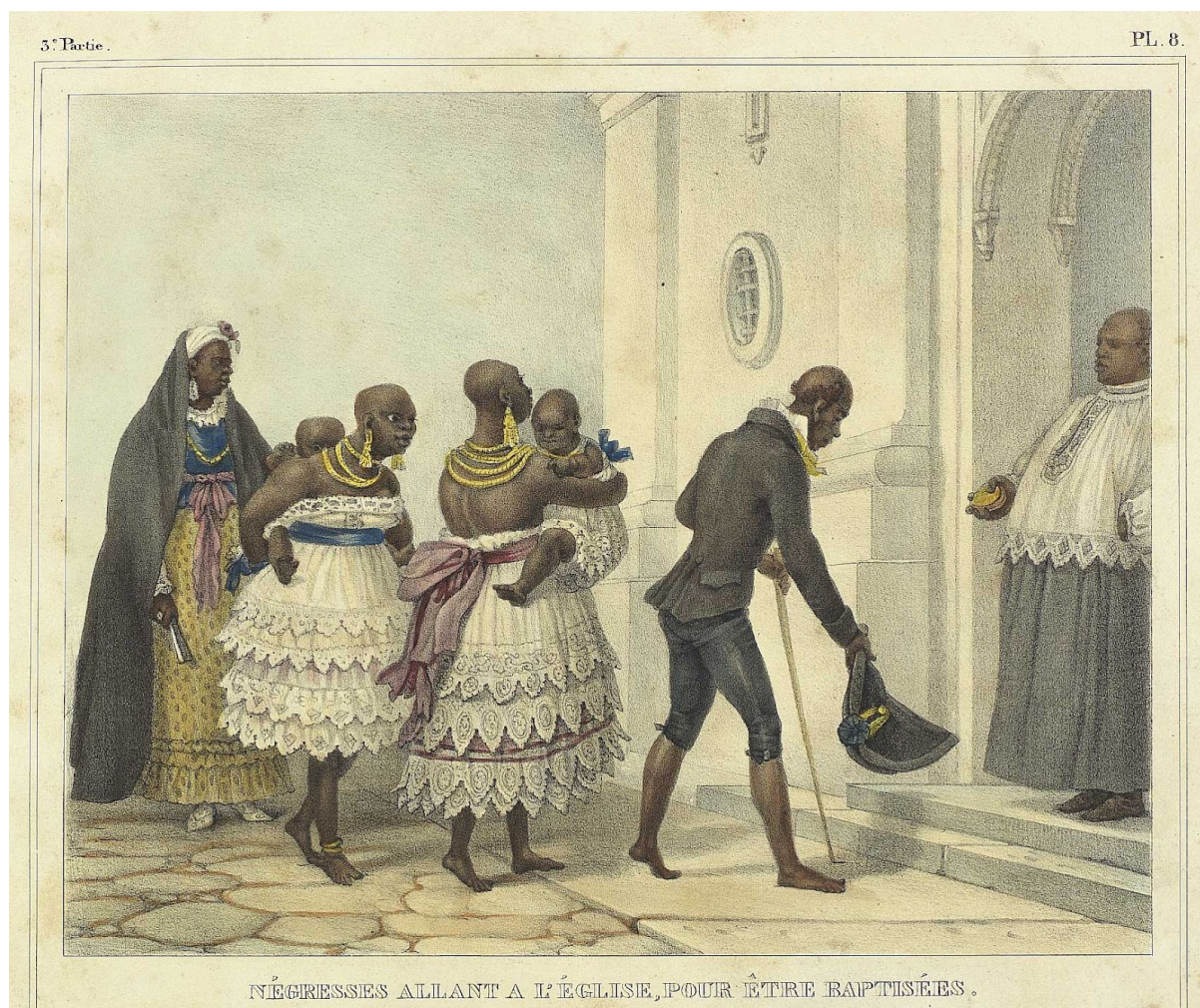


Figura 01. Negras novas a caminho da igreja para o batismo. DEBRET, *Voyage pittoresque et historique au Brésil* [...], 1839. 3 v., v. 3. Planche 8.

O breve texto de autoria de Debret que acompanha a litografia das *Negras novas a caminho da igreja para o batismo* evidencia essa realidade:

Embora tenha caído em desuso o artigo da primitiva lei sobre a escravidão, que prescrevia aos brasileiros mandarem batizar seus negros novos dentro de um determinado prazo, deixou, entretanto, vestígios de seu objetivo moral no coração dos proprietários (...). É raro, com efeito, encontra-se hoje em dia um negro que não seja cristão [...] A observância desse costume é tanto mais fácil para o cidadão quanto circulam nas ruas alguns velhos negros livres, corretores de profissão, professores dos princípios da religião católica e que são principalmente apreciados porque têm a

¹⁸ MOREIRA, Uerisled. **Africanos em Caravelas...**, p. 4

¹⁹ VIDE, Dom Sebastião. **Constituições Primeiras...**p. 149.

vantagem de falar várias línguas africanas, o que facilita os progressos dos novos catecúmenos. Portanto, basta apenas uma investigação preliminar simples na crença religiosa, para satisfazer a exigência do sacerdote encarregado de batizar um negro novo.²⁰

Debret em seu texto vai ao encontro dos estudos mais recentes sobre o batismo dos escravos no Brasil: que seja, não era obrigatório aos senhores batizarem seus escravos, no entanto, as constantes cobranças da igreja haviam enraizado esse costume na população. O pintor menciona ainda os ex escravos que dominavam diferentes línguas, utilizados para ensinar os rudimentos da religião aos escravos ditos “boçais”.

O fato de muitos escravos não terem pleno conhecimento dos dogmas e preceitos da religião cristã no momento do batismo, não significava que não vissem com bons olhos a proteção de mais um Deus, sobretudo em uma situação tão adversa como a do cativo. Podemos partir do princípio, portanto, que o pertencimento não requeria, necessariamente, o conhecimento pleno da religião adotada. Sem terem abandonado suas crenças originais, muitos negros escravos abraçaram o cristianismo, tendo o momento do batismo como marco.

Podemos ousar supor, portanto, que as “negras novas”, ou seja, recém chegadas da África, “registradas” na aquarela de Debret, adotaram a nova religião, tendo em vista ser mais um Deus em um panteão já amplo, tendo elas adquirido ou não conhecimento cabal da nova religião.

Na litografia, além das duas negras com crianças, vemos dois acompanhantes: uma negra bem vestida e calçada, indício de sua liberdade; e um negro, igualmente bem paramentado, porém descalço, evidência da sua condição de escravo. Podemos deduzir que as figuras sejam respectivamente a madrinha e o padrinho do batismo. Debret menciona em seu texto o seguinte: “É em geral o escravo mais antigo que serve de padrinho e nas casas ricas concede-se essa honra aos mais virtuosos”.²¹

Estudos recentes indicam que o batismo tinha uma dimensão muito maior na sociedade escravocrata do que podemos supor²². Assumir oficialmente o cristianismo com o batismo, assegurava ao cativo inserção na sociedade através da construção de relações não parentais, na figura dos padrinhos, e por meio de um rito culturalmente legitimado. Tratava-se igualmente, do primeiro passo para a sua inserção em uma Irmandade religiosa, via poderosa de fortalecimento de seu grupo social.²³

²⁰ DEBRET, Voyage pittoresque et historique au Brésil...p.129.

²¹ Id.Ibid.

²² Segundo Sweet, assim como outros rituais e práticas do cristianismo, o batismo foi interpretado pelos centro-africanos como um poderoso remédio contra os males temporais. SWEET, James. *Recreating Africa. Culture, Kinship, and Religion in the African-Portuguese World, 1441-1770*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.p. 195-96.

²³ SILVA, Elisângela de Melo Bezerra. *Os Santos Óleos: relações sociais e alforria na pia batismal*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011 (Dissertação Mestrado); COSTA, Iraci. *Registros Paroquiais: Notas sobre os assentos de batismo, casamento e óbito*. Revista de história. Vol. 1, 1990; MOREIRA, Uerisleda. *Batismos e Compadrio na Freguesia de Santo Antônio do Rio das Caravelas*. Diocese de Ilhéus: 100 anos de história. Vol. I. Ilhéus, BA: Editus, 2013.

Cortejos fúnebres

Debret atribuiu uma atenção especial aos cortejos fúnebres, mas aqui analisaremos especificamente os enterramentos de africanos em duas litografias: *Enterro de uma mulher negra* e *Cortejo fúnebre de um filho de rei negro*, ambas pertencentes à mesma prancha.

No enterro da mulher negra, segundo os escritos de Debret, o cortejo se dirige para a Igreja da Lampadosa; já o cortejo do filho de um rei negro segue rumo a “uma das quatro igrejas mantidas por irmandades negras: a Velha Sé, [Igreja do Rosário], Nossa Senhora da Lampadosa, Nossa Senhora do Bom Parto ou São Domingos”.²⁴ Trata-se, portanto, de representações de enterros católicos, ainda que permeados de elementos de matriz africana.

O fato de fazer parte de uma irmandade religiosa, como já mencionado, não era um impedimento real para o fiel continuar praticando sua religião original, dotada, seguramente, de ritos próprios para registrar a morte. A realização de rituais africanos nas cerimônias de sepultamento conduzidas por irmandades católicas de negros, no entanto, é mais presumida do que efetivamente comprovada, uma vez que os registros de época são poucos, falhos, e realizado por pessoas, como viajantes europeus, que desconheciam completamente as religiões africanas e seus ritos de passagem.

²⁴ DEBRET, Voyage pittoresque et historique au Brésil....p.152.

3^e Partie.

PL. 16.



ENTERREMENT D'UNE FEMME NÈGRE.

Figura 02. Enterro de uma mulher negra. DEBRET, *Voyage pittoresque et historique au Brésil* [...], 1839. 3 v., v. 3. Planche 16.

Não é absurdo compreendermos os dois cortejos funerários “registrados” por Debret como indícios de que os costumes mortuários levados a cabo na África foram mantidos pelos escravos no Brasil, apesar de mudanças que neles se foram operando ao longo da escravidão, inclusive com vários empréstimos do cerimonial católico.

Nos textos de Debret que acompanham as litografias, percebemos alguns elementos que evidenciam uma dupla pertença religiosa.

Não há diferença entre o funeral cerimonial de uma mulher negra e a de um homem da mesma raça; a composição da procissão formada exclusivamente por mulheres na primeira, exceto pelos dois transportadores, o mestre de cerimônias e o tocador de tambor. O tocador de tambor [...] [executa], em intervalos, uma espécie de rolamento, bastante sombrio, de facto, com as palmas das suas mãos [...] completado pelo cantar do cortejo feminino, marcado por acentos mágicos, cuja influência excita muitos compatriotas do mesmo sexo a participar desta reunião piedosa. Na nação Moçambique, as palavras deste canto fúnebre são notáveis por seu sentido cristão [...] Eu relato aqui o texto moçambicano expresso em português: “nós estamos chorando o nosso parente, não

enxergamos mais, vai em baixo da terra até o dia do juízo, hei de século seculorum amém”.²⁵

Elementos dissonantes da tradição católica, surgidos do contexto específico das relações socioculturais do Brasil escravocrata, são a presença do tocador de tambor, do “mestre de cerimônias” e o fato do cortejo ser composto unicamente por mulheres.

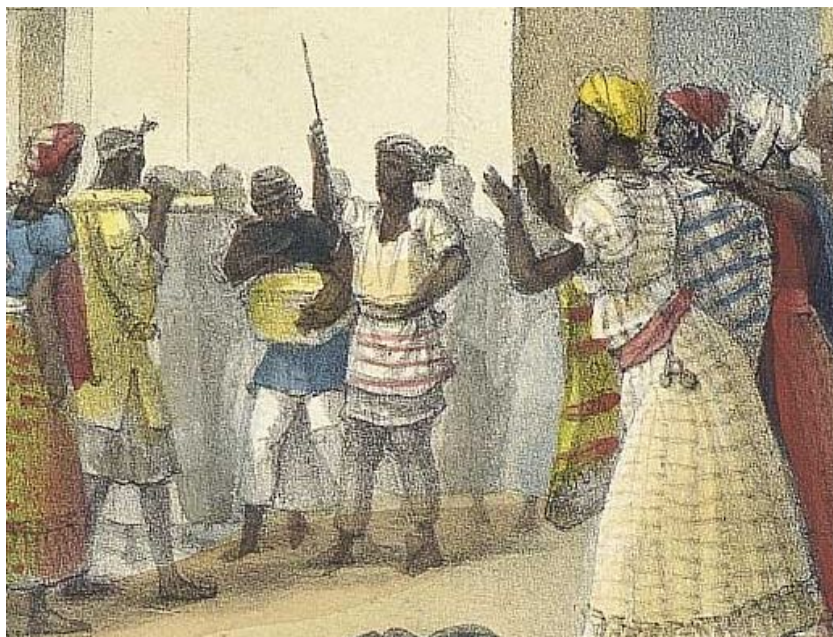


Figura 03. Detalhe Enterro de uma mulher negra. DEBRET, Voyage pittoresque et historique au Brésil [...], 1839. 3 v., v. 3. Planche 16.

Elemento que chama a atenção no texto de Debret é a menção a um padre negro: “A cena se passa diante da Lampadosa, pequena igreja servida por um padre negro, e assistida por uma confraria de mulatos”. A presença de um sacerdote negro aparece em dois momentos: na litografia do batismo das negras novas e no texto sobre o cortejo fúnebre da mulher moçambicana. Tal presença causa certo estranhamento e merece ser comentada. Se não era, e ainda não é, comum a presença de padres negros, tão pouco parece ter sido uma exceção no Brasil do século XVIII e início do XIX. Temos, nesse sentido, um relato do reverendo Wals, que veio ao Brasil em 1828, como capelão da comitiva de Lord Strangford.

Os atrativos que a Igreja oferece são tão poucos e a remuneração tão limitada que os homens de famílias prósperas ou de mais cultura sempre preferem uma ocupação mais atraente ou proveitosa; ninguém, a não ser as pessoas das classes inferiores, consagra seus filhos a ela [...] Em parte isso pode ser responsável pela admissão de negros nas ordens sagradas, os quais celebram nas igrejas junto com os brancos. Eu próprio vi três padres numa mesma igreja, na mesma hora; um branco, outro mulato e o terceiro, negro?²⁶

²⁵ Id. Ibid.

²⁶ WALSH, Robert. Notícias do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: EDUSP, 1985. p. 158.

Diferentemente do que pensava Walsh, a admissão de negros no interior do clero pode ter sido motivada não apenas pelos “baixos salários ou falta de brancos para o cargo, mas do nascimento de uma disposição da própria Igreja em motivar o surgimento de padres negros”, bem como dar espaço para a criação de irmandades de homens negros²⁷. Não que isto tenha sido o que Caio Boschi chamou de “sincretismo planejado”, ou seja, um plano “ardiloso” arquitetado no sentido de fazer os escravos serem cooptados pela nova religião.²⁸ Pensar assim seria “retirar dos escravos, enquanto seres humanos, qualquer possibilidade de luta e de resistência. Seria não enxergar a “multifacetada religiosidade praticada nos trópicos”.²⁹

É na descrição do “Cortejo Fúnebre de um filho de Rei Negro” que mais podemos identificar indícios dessa religiosidade multifacetada:

Não é extraordinário encontrarem-se, entre a multidão de escravos empregados no Rio de Janeiro, alguns grandes dignitários etiópicos e mesmo filhos de soberanos de pequenas tribos selvagens. É digno de nota que essas realidades ignoradas, privadas de suas insígnias, continuem veneradas por seus antigos vassallos, hoje companheiros de infortúnio no Brasil. [...] Ao morrer ele é exposto estendido na sua esteira com o rosto descoberto e a boca fechada por um lenço.³⁰



Figura 04. *Cortejo fúnebre de um filho de rei negro*. DEBRET, *Voyage pittoresque et historique au Brésil* [...], 1839. 3 v., v. 3. Planche 16.

²⁷ PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007.p.43.

²⁸ BOSCHI, Caio. *Os leigos e o poder: Irmandades leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais*. São Paulo: Ética, 1986.p.69.

²⁹ Pereira, Júlio. *À flor da terra...*.p.43

³⁰ DEBRET, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*.... .p.153.

Narra Debret que a necessidade de envolver a parte inferior do rosto do morto com um lenço atado se explicava pelo hábito que os africanos tinham de colocar uma moeda na boca do defunto. Em verdade, elementos de religiosidade africana e católica coexistiam, em harmonia; tanto se colocava a moeda na boca do defunto, quanto, segundo Debret, era borrifado o morto com água benta.³¹ Não há problemas, nesse sentido, em adotar duas religiões, uma vez que ambas, cada uma segundo seus preceitos e dogmas, podiam garantir à alma do morto salvação.

Interessante notar que tanto na prancha como no texto de Debret há algum destaque para as figuras masculinas que, nas palavras do pintor fazem “cabriolas”. Poderia aqui ser um registro que o autor fez, sem ter conhecimento do significado real, de um indício de dupla pertença religiosa dos negros africanos no Brasil. As ditas “cabriolas” possuem um significado mais religioso do que somente o de “animar a cena”, como sugere Debret.

A procissão é aberta pelo mestre de cerimônias. Este sai da casa do defunto fazendo recuar a grandes bengaladas a multidão negra que obstrui a passagem; erguem-se o negro fogueteiro soltando bombas e rojões e três ou quatro negros volteadores dando saltos mortais ou fazendo mil outras cabriolas para animar a cena. [...] O cortejo dirige-se para uma das quatro igrejas mantidas por irmandades negras; a Velha Sé, Nossa Senhora da Lampadosa, Nossa Senhora do Parto ou São Domingos.³²

Na litografia que retrata o Cortejo fúnebre do filho do rei negro, de fato, aparece um homem de cabeça para baixo, posição que, como vimos, não fica evidenciada no texto. De acordo com Thomas Desch-Obi os artistas de artes marciais centro-africanas (a capoeira seria uma versão afro-brasileira) assumiam uma posição de cabeça para baixo como uma representação da kalunga, o mundo invertido dos seus antepassados, compreendida, ainda, como um portal de passagem para o mundo espiritual habitado pelos mortos.³³ Esta inversão ritual permitia ao indivíduo retirar forças do mundo espiritual, motivo pelo qual curandeiros espiritualmente poderosos tinham por hábito andar sobre as mãos para tirar forças do kalunga. Era crença comum, ainda, que “se o africano fosse transladado para a terra dos mortos, poderia retornar à África, desde que mantivesse um coração puro”.³⁴

³¹ Id.Ibid.

³² Id.Ibid..

³³ DESCH-Obi, Thomas. *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.353-380.

³⁴ KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra*. II vols. Lisboa: Europa América, 1978.



Figura 05. Detalhe do *Cortejo fúnebre de um filho de rei negro*. DEBRET, *Voyage pittoresque et historique au Brésil* [...], 1839. 3 v., v. 3. Planche 16.

A título de conclusões finais, podemos dizer que o presente texto nada mais é que um conjunto de reflexões iniciais sobre um tema bastante complexo, e que grande parte das ideias aqui apresentadas não passam de hipóteses. No entanto, abraçando a proposta do atual Colóquio do CBHA, cremos que “deslocar as percepções consolidadas e estar aberto a outras experiências”, significa nos afastarmos dos “rituais da historiografia canônica”³⁵, abrindo caminho para novas leituras e percepções sobre obras já bastante debatidas, como é toda a produção de Debret. Acreditamos, assim, que buscar nas litografias analisadas indícios de duplo pertencimento religioso por parte dos escravos africanos do início do século XIX foi uma tentativa válida de perscrutar a “complexa indissociabilidade” entre o material e o imaterial, o “experimentado e o imaginado”, oportunizando um debate novo e pertinente sobre imagens já há muito conhecidas.³⁶

Referências bibliográficas

AMALADOSS, Michael. Double Religious Belonging and Liminality. An Anthro-po-Theological Reflection. *Vidyajyoti* (Journal of Theological Reflection), January 2002.

³⁵ Edital do XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. História da Arte em Transe: (i)materialidades na arte. Salvador: CBHA e UFBA, 2017.

³⁶ Edital do XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. História da Arte em Transe: (i)materialidades na arte. Salvador: CBHA e UFBA, 2017.

BEOZZO, José. A família escrava e imigrante na transição do trabalho escravo para o livre. A Igreja Católica ante os dois tipos de família". MARCILIO M. L. *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. SP: Loyola, 1993.

BERKENBROCK, Volney José. A relação da igreja católica com as religiões afro-brasileiras anotações sobre uma dinâmica. *Religare* 9 (1), 17- 34, mar, 2012.

BOSCHI, Caio. *Os leigos e o poder: Irmandades leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais*. São Paulo: Ética, 1986.

CAPPELLI, Rogério. Religiões de Matriz Africana. *Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro/Niterói: Ed. Alternativa/EdUFF, n.12, 2010. (DVD)

CAPPELLI, Rogério. *Saindo da Rota: Uma discussão sobre a pureza na religiosidade afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2007.

COSTA, Iraci. Registros Paroquiais: Notas sobre os assentos de batismo, casamento e óbito. *Revista de história*. Vol. 1, 1990.

DEBRET, Jean Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil [...]* Paris: Firmin Didot Frères, 1839. 3 v., v. 3.

DESCH-OBÍ, Thomas. *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. *Sinhás pretas, damas mercadoras: as pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700-1850)*. Niterói: UFF, 2004.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra*. II vols. Lisboa: Europa América, 1978.

MOREIRA, Uerisleda. Africanos em Caravelas, Bahia: estratégias de batismo e compadrio (1821-1823). *África(s) - Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África*, v. 2, n. 4, 2015.

MOREIRA, Uerisleda. Batismos e Compadrio na Freguesia de Santo Antônio do Rio das Caravelas. *Diocese de Ilhéus: 100 anos de história*. Vol. I. Ilhéus, BA: Editus, 2013.

MOREIRA, Uerisleda. *Laços afetivos e familiares: relações parentais legitimadas nos ritos católicos em Caravelas-BA entre 1840 e 1860*. Santo Antônio de Jesus: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia, 2014. (Dissertação de Mestrado).

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond : IPHAN, 2007.

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História, 2005. (Tese de Doutorado).

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. Apropriações da morte católica por africanos e seus descendentes no Rio de Janeiro setecentista. *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaría*, v.10, n.18, 2007.

RODRIGUES, Raimundo Nina. Ilusões da Catequese no Brasil. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006.

SANKOFA, Christianne. O Uso de Fotografias de Africanos no Estudo Etnográfico de Manuel Querino. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*- Documentação Nº 4 dez, 2009.

SANTANA, Analia. A Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho: memória e identidade afro católica na Bahia. *Africanias.com*, UNEB, Ed. 1, 2011.

SILVA, Elisângela de Melo Bezerra. *Os Santos Óleos: relações sociais e alforria na pia batismal*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011. (Dissertação Mestrado).

SILVEIRA, Renato. *O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto*. Salvador: Edições Maianga, 2006.

SOARES, Márcio de Sousa. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na Corte imperial*. Niterói, UFF, 1999. (Dissertação de Mestrado)

SOARES, Mariza de Carvalho. O Império de Santo Elesbão na cidade do Rio de Janeiro, no século XVIII. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2002.

SWEET, James. *Recreating Africa. Culture, Kinship, and Religion in the African-Portuguese World, 1441-1770*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.

THORNTON, John K.. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Editora Campus / Elsevier, 2004.

VIDE, Dom Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Edusp, 2010.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1985.